



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento das linhas de ação do Fundo Setorial do Audiovisual

Rio de Janeiro-RJ, 04 de dezembro de 2008

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Ministros Marcio Fortes, das Cidades; Edson Santos, do Ministério de Promoção da Igualdade Racial,

Meu caro amigo Manoel Rangel Neto, diretor-presidente da Agência Nacional de Cinema-Ancine. Quero lhe dar os parabéns pela exposição didática, porque o Juca passou três horas comigo e eu não entendi o que era o Fundo Setorial. Parabéns pela forma didática... Está certo que o Juca teve que explicar 300 outras coisas, mas esta foi a forma mais didática de uma apresentação. Tem uma coisa engraçada: se a pessoa faz a apresentação uma vez e a gente não entende, a gente é burro. Se a pessoa faz a segunda vez e a gente ainda não entende, a gente é meio burro. Mas, na terceira vez, burro é quem está explicando, porque a gente não entende. Desta vez, eu entendi tudo.

Quero cumprimentar o Luis Manuel Rebelo Fernandes, presidente da Financiadora de Estudos e Projetos-Finep,

Quero cumprimentar a Adriana Rattes, secretária estadual de Cultura,

O prefeito Eduardo Paes,

O Silvio Da-Rin, secretário de Audiovisual,

O Paulo Mendonça, diretor do Canal Brasil, em nome de quem cumprimento todos os profissionais do setor audiovisual,

Meus amigos e minhas amigas,



Não se assustem porque não tem nenhuma razão para eu ler este discurso aqui. Este discurso, no fundo, no fundo, é o que você, enquanto Presidente da Ancine, fez. Eu não vou repetir porque o meu não está tão didático. Eu penso que em um dia como este, a pessoa menos indicada para falar de audiovisual seria eu. Falar do Fundo Setorial, já foi falado. Eu queria discutir com vocês um outro assunto, aproveitando esta oportunidade.

Vocês, como brasileiros e brasileiras formadores de opinião pública, sabem que o mundo atravessa uma crise, possivelmente maior do que a crise de 1929, e é uma crise um pouco engraçada porque há um ano – desde setembro do ano passado – nós vínhamos falando da crise do *subprime* nos Estados Unidos. Discutia-se muito até que profundidade essa crise iria. Os países ricos nunca assimilaram que tinham uma crise. O dado concreto é que a crise apareceu de forma muito forte, e uma coisa muito paradoxal é que é uma crise surgida no coração dos países ricos, no centro do capitalismo mundial, e os países menos vulneráveis a essa crise são os países emergentes, dentre os quais faz parte o Brasil.

Vocês sabem que nós tivemos, dez anos atrás, a crise russa, a crise asiática e a crise mexicana. Essas três crises, juntas, importaram num aporte de recursos de US\$ 200 bilhões, e vocês sabem também que o Brasil quebrou duas vezes naquele período. Essa crise agora já envolveu o equivalente a US\$ 4 trilhões, e o Brasil não quebrou e nem vai quebrar.

Eu não quero ser mais otimista do que o “Rei”, mas eu sou originário de crise. Uma nordestina, quando tem o oitavo filho, é uma crise absoluta. Eu também nunca tive nada fácil na minha vida, eu nunca tive absolutamente nada fácil. O meu primeiro presente eu ganhei de mim mesmo, aos 17 anos de idade, que foi uma bicicleta que eu comprei, velha, não conhecia a bicicleta, mas tinha vontade de ter uma, e quando eu comprei, perdia mais tempo consertando a corrente do que andando de bicicleta. Ainda assim, fiquei muito feliz porque foi o primeiro presente.



Para chegar à Presidência da República, vocês sabem, eu perdi três eleições. E a cada vez que eu perdia, entrávamos em crise. E nem por isso eu deixei de ser Presidente da República.

Então, eu fico acompanhando a crise e fico vendo, muitas vezes, o que se escreve sobre a crise, o que se fala na televisão sobre a crise, o que se comenta no rádio. E, às vezes, eu fico imaginando que tem um tipo de gente que parece que torce para que a crise venha e quebre o Brasil. Ou seja, tem um tipo de gente que está doído para dizer: “Está vendo? Eu não falei que o Lula não sabia administrar o País? Eu não falei que o Lula não sabia cuidar da crise? Eu não falei que tinha crise, quando ele dizia que não tinha?”. E isso eu vejo todo santo dia, toda hora.

Obviamente que eu acho que é correto, necessário fazer a análise da crise. Mas é preciso que a gente dê a dimensão correta do que está acontecendo no mundo, porque o mundo também não é bobo de se deixar auto-quebrar. Nós temos situações, hoje, infinitamente melhores do que já tivemos em qualquer outro momento histórico do Brasil. Hoje nós somos um país com a economia consolidada, nós somos um país com 207 bilhões de reservas. Nós somos um país com uma dívida pública que representa apenas 36% do PIB, quando um país desenvolvido, como a Itália, tem 105% do PIB de dívida pública, um país desenvolvido como os Estados Unidos tem quase 70% do PIB na sua dívida pública.

Nós somos um país que tem uma exportação diversificada como em nenhum outro momento. Nós já tivemos, há 10 anos, os Estados Unidos representando quase 30% do fluxo da balança comercial brasileira, a Europa outros 30, e o mundo, o outro, quase não existia. Hoje nós temos os Estados Unidos representando para nós apenas 14,5% da nossa balança comercial, a Europa 15% ou 16%. Entretanto, na América Latina nós crescemos de forma extraordinária, nós crescemos na África, nós crescemos no Oriente Médio e nós crescemos na Ásia. Isso porque nós tomamos uma decisão, de não



ficarmos dependentes apenas de um bloco ou de um lado do mundo, de que era preciso construir uma diversificação, não apenas de países, de compradores nossos, mas também de produtos, para que a gente pudesse ficar um pouco mais independente.

Ao mesmo tempo, nós temos um mercado interno que poucos países têm. Obviamente, tem a China e a Índia com um mercado interno muito maior do que o nosso. Mas nós temos condições de resolver parte dos problemas das nossas exportações suprimindo as necessidades do mercado interno brasileiro.

Bem, essas coisas todas que estão acontecendo, acontecem num momento em que o Brasil vive o seu mais importante momento de respeitabilidade internacional. Vocês, que viajam para o exterior, sabem que não há momento na história do Brasil em que as pessoas tiveram tanta expectativa e tanta confiança na relação com o Brasil.

Qual é o problema que nós estamos tendo? O mundo produz um PIB de US\$ 65 trilhões, mas o dinheiro que circulava no mercado representava US\$ 650 trilhões, ou seja, dez vezes mais do que o PIB real. E o que acontece, na verdade, é que esse dinheiro desapareceu.

Vocês estão lembrados de quando caiu o Muro de Berlim? Eu tive a oportunidade de estar em Cuba no ano em que caiu o Muro de Berlim, quando Fidel Castro fazia um discurso de autocrítica de tanta confiança, durante tantos anos, na primazia russa, e até deixava de lado um pouco a América Latina. E todos os heróis que foram construídos na Rússia, e todos os bandidos, quase que inverteram de lado: quem foi herói durante 50 anos, virou bandido; quem era bandido virou herói. Na história, no momento em que a história é contada de forma verdadeira, as coisas que até então estavam embaixo do armário vêm à tona.

E nesse momento nós vivemos isso na economia. Os países que pareciam tão sólidos, os bancos que davam tanto palpite sobre a economia



brasileira... Eu tive a oportunidade de perder muitas eleições e por isso a gente aprende muito, e eu viajava muito para o exterior, porque quando a gente é candidato, que tem acima de 15%, 20% de voto, todo mundo quer ouvir o que pensa esse candidato do Brasil. Aí você ia para Londres, você ia para Nova Iorque, você ia para Paris. O banco tal quer conversar com o candidato, os banqueiros... Aí você ia e tinha um bando de *yuppies* - todos muitos jovens, que não sabiam onde ficava o Brasil, muito menos a Bolívia, nem a Argentina - a dar palpite sobre a economia brasileira. Isso predominou durante quanto tempo? Vejam que absurdo. Tem agências que medem o risco dos países. Os Estados Unidos quebram e o risco deles continua zero, o nosso é que cresce. Essas coisas absurdas de um mundo globalizado, onde...

Se não for demais, todos vocês aqui conhecem, estou vendo artistas importantes aqui. Vocês que de vez em quando (inaudível) quando vocês quiserem (inaudível) vocês batam uma palminha que eu desço para pegar aqui o meu cofre. Pois bem, o que aconteceu é que o dinheiro desapareceu no mundo e nós temos uma crise de crédito. Nós temos uma crise de crédito, ou seja, empresas importantes no mundo inteiro estão à procura de crédito, que está cada vez mais escasso e cada vez mais caro. E vocês estão lembrados de que nós tomamos algumas medidas há mais ou menos 30 dias, que foram medidas imediatas. Primeiro, nós resolvemos cuidar do financiamento do automóvel, porque a cadeia da indústria automobilística é muito ampla e ela representa 24,5% do PIB industrial brasileiro. Depois nós resolvemos cuidar da agricultura brasileira, pela importância que ela tem, não só para produzir alimentos, mas no fluxo da balança comercial brasileira. Depois nós resolvemos cuidar da construção civil, que depois de 20 anos paralisada, voltava a crescer de forma extraordinária, inclusive, com financiamento do setor privado para habitação de setores da classe média, e depois nós cuidamos de colocar capital de giro para as pequenas e médias empresas brasileiras.



Vocês estão lembrados de que nós disponibilizamos no começo US\$ 100 bilhões das reservas de compulsório que nós tínhamos. Acontece que esse dinheiro chega no banco, e esse é um dado que – ontem eu tive uma reunião com o Meirelles e com o Guido –, nós vamos começar agora a discutir mais profundamente. Esse dinheiro chega no banco, e como tem pouco dinheiro no sistema financeiro, o que acontece? Esse dinheiro fica mais caro, porque os bancos estão escolhendo clientes só seis estrelas, sete, oito... Mesmo empresas grandes, que eram clientes dos bancos, às vezes têm dificuldades de pegar dinheiro. Vocês viram, por exemplo, uma crítica esses dias à Petrobras porque ela foi na Caixa Econômica pegar dinheiro. Primeiro, quem quer pegar dinheiro pega onde tem dinheiro. Segundo, as pessoas pegam dinheiro onde é mais barato. Antigamente a Petrobras pegava no exterior porque tinha dinheiro farto e tinha juros mais baratos. Era normal.

Bem, isso está nos levando a uma situação, eu diria, mais temerária, está obrigando o governo a agir com maior rigor. Primeiro: em época de crise, a gente não se acovarda. Houve tempo em que, quando se falava em crise no Brasil, a primeira coisa, porque nós temos alguma... tem uma profissão que não está cadastrada ainda e nem codificada no Ministério do Trabalho, que são os “analistas de plantão”. Aqueles que, a toda hora que tem qualquer negócio, eles falam: “É preciso fazer um ajuste fiscal, é preciso cortar gasto, é preciso cortar salário, é preciso enxugar a máquina pública”. Em um país em que ainda tem tudo por fazer. Se você olhar este país apenas para 35 milhões, ou 40, ou 50 de potenciais consumidores, você pensa de um jeito. Mas se você olhar que este país ainda tem milhões de brasileiros que precisam adentrar em um mercado, que precisam conquistar a cidadania, você precisa... quanto mais crise, mais investimento, quanto mais crise, mais possibilidade de geração de emprego.

É por isso que nós assumimos o compromisso – os governadores, o Presidente da República e prefeituras – de que a gente não vai deixar de



investir nenhum centavo que está comprometido para investir, e vamos investir porque o investimento significa a geração da possibilidade de um posto de trabalho. Esse posto de trabalho significa a possibilidade de um consumidor, esse consumidor significa a possibilidade de um novo posto de trabalho, e vai se fazendo a roda gigante da economia girar, girar e girar sem parar. Porque na hora que pára, aí vem a crise.

Ora, eu comecei falando de coisas que eu leio, de coisas que eu escuto, de coisas que eu vejo. Imaginem vocês, se um de vocês fosse médico e atendesse a um paciente doente, o que vocês fariam para ele? Olha, companheiro, o senhor tem um problema, mas a medicina já avançou demais, a ciência avançou demais, nós vamos dar tal remédio e você vai se recuperar. Ou você diria: meu, (inaudível). Vocês fariam isso para um paciente de vocês? Vocês não fariam. Ou o presidente se comportar como aquela visita indesejada a um doente no hospital, não sei se já aconteceu com vocês. Vai visitar um parente no hospital, está lá o cidadão... Todo doente fica feio: ele emagrece, ele fica pálido, ele fica psicologicamente arrebitado, não é o melhor lugar do mundo o hospital, a gente está sempre mal vestido, às vezes não tomou banho direito. E aí chega lá a família toda para visitar e aí senta uma comadre e começa a falar: “Ih, ontem, lá na minha rua morreram dois com essa doença aí. E a minha vizinha disse que não tem cura. Um parente dela morreu lá em Pernambuco, em Garanhuns, com essa doença aí”. Ou seja, você acaba de matar o paciente.

Eu estou dizendo isso para ver se é possível entender o seguinte: outro dia eu chamei a Federação do Comércio de um determinado estado e falei para ele: meu companheiro, você faz uma pesquisa e constata que começa a aumentar a desconfiança do consumidor, aí você divulga a pesquisa da desconfiança e não divulga nada para restabelecer a confiança. Que vendedor que é você? Aí o cara publica assim: “o Natal vai ser menor, o povo vai comprar menos, porque o povo está desconfiado”. Na verdade, ele deveria ter



a pesquisa para tomar a decisão de chamar um publicitário e dizer: “Faça uma pesquisa para motivar esse povo, se não eu vou fomentar que ele compre menos”. Então, veja o que está acontecendo. Um funcionário público brasileiro: ele tem estabilidade, ele pode até ter dinheiro, mas ele não compra porque ele está ouvindo dizer que tem uma crise profunda, ele prefere colocar o dinheirinho dele na poupança. Você tem o trabalhador da fábrica: ele está ouvindo falar em crise. Ele tem até uma reservazinha, vai receber 13º, pegou férias, até poderia pensar em comprar um carro. Mas o mercado de carro usado despencou, porque ninguém quer financiar. Ele fala: “Bem, eu não vou comprar o carro porque eu posso perder meu emprego, e se eu perder meu emprego eu estou ferrado”. Ou seja, é preciso alguém dizer para ele que ele vai perder o emprego exatamente por não comprar. Na hora em que ele não compra, a indústria não produz, o comércio não vende e em algum lugar vai estourar. E vai estourar exatamente na produção industrial.

O cidadão que quer comprar uma casa, obviamente vai pensar: “bom, eu vou comprar uma casa e vou ficar desempregado”. Mas se ele não comprar a casa, a construção civil não produz, não tem trabalhador e, portanto, o comércio cai. Então este é o momento. Às vezes eu me sinto como se fosse o Dom Quixote, às vezes eu me sinto sozinho tentando pregar o otimismo de uma coisa muito prática, que é fazer a economia girar.

O sistema financeiro brasileiro não está comprometido com o *subprime*. Portanto, nós temos um sistema financeiro capaz de dar lição ao sistema financeiro, que durante tanto tempo deu palpite sobre nós. Nós temos um sistema financeiro até capaz de ensiná-los a cobrar juros mais caros. Nós temos. Nós temos uma economia crescendo depois de muitos e muitos anos em todos os setores da sociedade. O governo brasileiro tem previsto de investimento no PAC R\$ 504 bilhões e não vamos deixar de investir um único centavo. Um único centavo não será deixado de investir. Nós... o Sérgio assistiu a uma conversa minha com o Roger. Eu liguei para o Roger agora:



Roger, eu quero saber por que você mandou 1.200 trabalhadores embora. Qual é a crise? Ele falou: “Presidente, eu mandei embora, 400 estavam no Canadá. As pessoas foram dispensadas pela inovação tecnológica da empresa, a informática entrou duro e nós dispensamos muita gente que trabalhava no escritório. Mas uma coisa que a imprensa não diz é que este ano a Vale do Rio Doce contratou 6.200 funcionários”. Então, se a gente mostra apenas uma cor, a gente não permite que as pessoas vejam que o mundo também tem um colorido além daquela cor apresentada pelas pessoas.

Eu estou convencido de que não tem, dentro do G-20, nenhum país mais preparado do que o Brasil para enfrentar essa crise. Estou convencido de que essa crise, em vez de ser vendida como se fosse uma catástrofe, ela tem que ser vendida como se fosse uma oportunidade para este país sair dela mais preparado do que entrou.

Agora há pouco eu falei para o companheiro Roger: Roger, eu não te falei outro dia que você não pode continuar só vendendo minério de ferro, que era importante você colocar valor agregado nos produtos da Vale do Rio Doce? Porque você vende uma tonelada de bauxita por US\$ 30, uma tonelada de alumina por US\$ 500, e uma tonelada de alumínio por US\$ 3 mil. Está provado que é muito melhor a gente fazer o processo de transformação aqui dentro e, em vez de ficar vendendo minério, mais minério e mais minério para a China, para eles produzirem mais aço, mais aço e mais aço para venderem para nós, vamos nós produzir aqui dentro, vamos gerar os empregos necessários, vamos gerar o desenvolvimento tecnológico deste país. É quase uma coisa...

Então, deixe-me dizer para vocês uma coisa. Possivelmente, em outro momento um governo não viesse aqui anunciar um fundo setorial, em época de crise. Possivelmente não viesse, porque em época de crise sentam em cima do dinheiro e não gastam nada. Eu acho que em época de crise é que a gente tem que fazer os gastos necessários. O que nós precisamos, Sérgio, enquanto governador e presidente, é tomar a seguinte decisão: nós não vamos investir



nenhum centavo em custeio enquanto tiver dificuldade, mas vamos investir todos os centavos possíveis em coisas produtivas, em coisas que possam gerar empregos, em coisas que possam gerar distribuição de renda, salário e poder de compra para o povo brasileiro.

Por isso é que eu sou um cidadão otimista. Você me conhece há muito tempo, Serginho. Você sabe que eu adoro uma crise. Eu adoro ser provocado, porque eu acho que é nesse momento que você prova se pode crescer ou não pode crescer, se este país pode dar um salto de qualidade ou não pode dar um salto de qualidade.

Eu estava dizendo dos automóveis, Sérgio. Tem uma coisa que você já notou aqui no Rio de Janeiro? O cidadão de classe média, classe média baixa, para comprar um carro, quer vender o seu usado, que é comprado por uma pessoa um pouquinho mais pobre do que ele. Então, ele vende o carro usado dele e compra um carro novo. Se o mercado de carro usado pára, vai diminuir, obviamente, o de carro novo. O que aconteceu esses dias? Quando nós disponibilizamos dinheiro para as financiadoras das empresas automobilísticas venderem carros, o que aconteceu? Aumentou a entrada do carro de 20% para 30%, diminuiu o número de prestações de 60, 62 para 36, ou seja, em vez de você facilitar, você dificultou a compra do carro.

Essas coisas todas são problemas que nós vamos ter que tratar com muito carinho, porque precisamos resolver daqui para a frente, senão não vai sobrar dinheiro para as pessoas irem ao cinema, ao teatro ou a qualquer lugar.

Eu queria dizer isso para vocês porque eu acho que é importante que a gente não entre num clima de desespero, é importante que a gente saiba que este país é um país que está muito diferente, sobretudo a nossa geração, mais antiga, não mais velha, mas mais experiente. A nossa geração, que vem desde 1980 vendo este país andar para trás, vendo este país retroceder, vendo este país... Eu vou dar um dado. Vocês viram o discurso do Obama esses dias. O Obama disse: "Eu vou fazer de tudo para, até 2011, criar dois milhões e meio



de empregos”. Vocês viram isso? Vejam que interessante: aqui no Brasil, esse país pequeno, pobre, miserável, porque nós temos ainda uma parte da elite brasileira colonizada intelectualmente, este país... Quando o Obama propôs criar dois milhões de empregos, foi uma coisa fantástica, até 2011. Este ano, no Brasil, nós já criamos até agora 2 milhões e 149 mil empregos de carteira profissional assinada. E certamente que não mereceu 10% do destaque dos 2 milhões do Obama, até 2011.

Então, eu acho que é contra isso que nós precisamos trabalhar muito, para ir politizando a sociedade. Eu não sou daqueles que vou dar conselho: Mamberti, se você estiver endividado, Cacá, se você estiver endividado, não compre, pague a sua dívida antes, pelo amor de Deus. Mas se você quiser comprar um carro e não tem dívida, que compre. Qual é a lógica de parar de comprar? Por que tem crise?

E, depois, nós temos que trabalhar com a certeza do seguinte: o Obama sabe que ele tem que trabalhar logo para resolver a crise americana, porque se hoje a crise é do Bush – ele não tomou posse ainda – depois de oito meses a crise é dele, daqui a oito meses o povo já esqueceu que foi o Bush quem causou a crise, aí vai ser dele. Então, ele tem que tratar de resolver logo. Como o nosso companheiro Sarkozy tem que tratar de resolver logo, como todos os presidentes têm que tratar de resolver essa crise. Quem é que vai viver com crise a vida inteira?

E, depois, uma coisa importante que aconteceu, gente: eu acho que depois da queda do Muro de Berlim o mundo ficou um pouco mais “chocho”, porque o debate ficou mais “chocho”. Aqui, no Brasil, se criou até o pensamento único. Houve um tempo em que não tinha espaço para você nem ser ponderado, tinha que ser a favor.

Vocês estão lembrados da década de 90. Da metade da década de 80 até quase 2000 era um pensamento único, ou seja, era preciso vender todas as empresas do Estado, era preciso privatizar tudo, era preciso mandar muitos



funcionários embora, era preciso aumentar o tempo que o trabalhador tinha que trabalhar, porque ele se aposenta com pouco tempo, e por aí afora. Todo mundo viveu esse debate: o Estado não vale nada, o Estado só gasta.

Agora, vejam que interessante: os mais idosos, os mais experientes, quem têm filhos, aqui, devem estar vendo que o mercado, que era soberano, onipotente até outro dia, nada mais é do que um adolescente. Quem tem filho aqui sabe o seguinte: filhos de 16 a 21 anos, não precisam de pai e de mãe, eles são onipotentes, eles querem sair na hora que eles quiserem, não perguntam quanto a gente ganha e querem todo o dinheiro da gente, e por mais que a gente dê acham que é pouco, nós somos caretas, nós não somos modernos, nós não entendemos. No meu tempo, quando eu era adolescente, a gente tinha um quê de se vestir elegantemente, com calça. Hoje, a gente não sabe se é calça ou se é bermuda, o que é, porque é sempre no meio da “canela”, às vezes do joelho para baixo, e vão para baile assim, vão para tudo quanto é lugar, não tem mais aquela “chiqueza” que a nossa geração tinha. Não tem mais aquele charme. E o pior é que eles arrumam mais namoradas do que a gente arrumava na época.

Então, eu acho que o mercado virou um pouco adolescente, ou seja, o Estado não pode nada: você é careta, “coroca”, não conhece de nada, não é moderno, não gosta de funk, não gosta de rap, não gosta disso, música clássica é coisa atrasada, filme do Mazzaropi não dá nem para ver, e vai por aí afora.

Aí, quando tem uma crise... Filho, quando tem dor de barriga volta para casa, quando tem gripe volta para casa, quando não tem dinheiro volta para casa, aí o pai é “paizinho”, “mãezinha”. O que aconteceu com o famoso mercado onipotente? Quando o mercado teve a dor de barriga, que não foi uma dor de barrigazinha, foi uma diarréia daquelas, (inaudível), insuportável... Quando o mercado teve essa diarréia, quem é que eles chamaram para salvá-los? O Estado, que eles negaram durante 20 anos.



Por isso é que eu disse, no dia 26 de setembro, na abertura do Congresso das Nações Unidas, que era chegada a hora da política. Era chegada a hora de os chefes de Estado, eleitos democraticamente, fazer valer a razão pela qual eles tinham sido eleitos e tomar as decisões que tinham que tomar. O mercado financeiro precisa de controle e de regulação. Em um país como o Brasil, em que eles deram palpite a vida inteira, um banco de investimentos só pode alavancar até seis vezes e meia o patrimônio líquido dele. Nos Estados Unidos poderia alavancar até 35 vezes, ou seja, você empresta o que não tem, você empresta o que não pode, e um dia a casa cai.

A economia não pode ser feita de papéis. A economia tem que ser feita a provar que cada ponto de crescimento dela tenha o crescimento de um ponto de produto. Nós precisamos produzir uma caneta, um lápis, um alfinete, temos que produzir um filme, temos que produzir uma peça de teatro, temos que produzir qualquer coisa. Mas não pode, as pessoas ficarem bilionárias, sem produzir um alfinete. Eu conheço cidadãos, eu conheço pessoas aqui neste país e lá fora, que de repente são apresentados pela imprensa como um dos homens mais ricos do mundo. Aí você fala: qual é a fábrica dele? Qual é o banco dele? Não sabe. É troca de papel, vai trocando de papel, vai trocando e o resultado é nada, é uma economia virtual.

Então, o Estado agora tem que regular, e é por isso que eu acho que a reunião do G-20 foi extremamente importante, porque o Estado tem que voltar a exercer o papel... Não é o Estado gerenciador, é o Estado fiscalizador, é o Estado indutor, é o Estado que não permite que haja uma ciranda maluca.

Esse dinheiro que desapareceu, Sérgio, eu fico me perguntando: será que está todo nas Ilhas Cayman? É tanto dinheiro, que se estivesse lá, a ilha tinha afundado. Imaginem 600 trilhões. O pessoal fala tanto em trilhão que, sinceramente, na minha cabeça não cabe. Eu, talvez, não tenha todos os neurônios para compreender o que significam US\$ 600 trilhões. Se fossem reais, eu ainda saberia, mas dólares... É tanta coisa que eu não consigo saber.



O que eu queria, na verdade, é o seguinte. Posso dizer para vocês que nós vamos trabalhar com o esforço que for necessário para que o Brasil saia desse momento “por cima da carne seca”. Agora eu voltei a ser nordestino: “por cima da carne seca”.

Eu vejo algumas coisas acontecendo que me dão orgulho. Esta semana nós fizemos a primeira Olimpíada de Português. Nós já fizemos a de Matemática. A de Matemática, quando nós começamos, em 2004, só tinha 274 mil crianças inscritas das escolas privadas. Quando eu tentei falar que nós íamos fazer Olimpíada de Matemática da escola pública, eu fui chamado de tudo o que vocês imaginam que eu já fui chamado.

De vez em quando eu imagino as piadas que contam de mim no meio, e eu, como não sou preconceituoso, acho piada maravilhosa, até de mim. Acho maravilhoso, acho que o mundo ficou chato depois que se proibiu, e que estão exigindo piadas politicamente corretas. Piada só é boa quando é escrachada. De qualquer forma, como sou apenas um, eu me submeto aos politicamente corretos.

Mas aí, falaram de tudo de mim. Conclusão: neste ano, na Olimpíada de Matemática de um país que a escola pública não tinha interesse, se inscreveram 18 milhões e 300 mil crianças para participar da Olimpíada de Matemática. A dos Estados Unidos, que era a maior do mundo, era de 6 milhões. Portanto, nós já somos três vezes maiores do que os Estados Unidos, em questão de Olimpíada.

Nós estamos fazendo agora a de Português, depois eu quero fazer de Ciências, quero fazer de Física, quero fazer de Química. Por quê? Porque é preciso motivar essas crianças a entenderem um pouco mais, a gostarem mais da escola, a participarem, a disputarem entre si, para que a gente possa recuperar o tempo perdido neste país.

Quando nós criamos o ProUni, sabem qual era a crítica escrita a meu respeito? “OLula nivela o ensino por baixo”, porque o ProUni tinha como



objetivo levar jovens da periferia, das escolas públicas, para a universidade. Sabem quantas crianças já tem, da periferia, hoje? Quinhentas e 75 mil pessoas cursando universidade.

Hoje, lá no Complexo do Alemão – o Sérgio estava comigo – duas senhoras, não mocinhas, agradecendo porque elas se formaram este ano no ProUni. Essa é uma coisa... Quando nós, agora, resolvemos criar o Reuni... O Reuni é um programa em que nós estamos investindo um pouco mais na universidade federal, com a contrapartida das universidades terem um pouco de investimento e aumentar, de 12 alunos por professor, para 18 alunos por professor, como é em todos os países desenvolvidos do mundo.

Aqui no Brasil, a chamada... não sei se se pode chamar de esquerda, invadiu reitoria, quebrou reitoria em todo o Brasil, porque achou que nós iríamos colocar muito aluno por professor, 18. Ah, se eles conhecessem minha Garanhuns... Lá fica aluno na porta e na janela, para ver se consegue uma chance de aprender. Nós vamos colocar este ano, só para vocês terem idéia, vai começar as aulas no ano que vem, no vestibular nós já vamos ter o dobro de alunos entrando por ano, na universidade, do que nós tínhamos em 2003.

Eu fui, agora, no Complexo do Alemão anunciar o Pronasci, junto com o Sérgio. É um programa que envolve o governo federal, o governo estadual, prefeitura. Nós estamos levando 20 projetos para o Complexo do Alemão. Antigamente, para os artistas brasileiros, sobretudo os compositores, falar de favela era uma coisa poética, dava para fazer música, aquele barraco de dois andares era sinônimo de competência, de engenharia. Hoje não é mais assim, hoje a favela assusta muita gente, porque é “vendida” apenas como crime organizado, narcotráfico, bala perdida, bala encontrada.

E nós resolvemos fazer o quê? Junto com o governo do estado, vamos fazer um programa do Ministério da Justiça, entrar com 20 projetos dentro do Complexo do Alemão, dentro da Rocinha, dentro de Manguinhos, dentro da Favela de Santo Amaro em Pernambuco, na Bahia. Todas as regiões



metropolitanas (falha no áudio) brasileiro, onde tem mais violência, vão receber programas compartilhados entre o governo do estado, o governo municipal, o governo federal, levando Pontos de Cultura, levando quadras de esporte, organizando as mães, as chamadas “mães da paz”, para ajudar a tirar crianças que estão em áreas de risco; policial da própria comunidade para poder cuidar, com conversa e não com violência, apenas atirando, sem saber quem é; formação profissional, pontos de novos empreendedorismos para pequenos empreendedores.

Nós estamos agora – e eu disse hoje, lá – nós estamos tentando criar as condições para provar que a existência das favelas e a existência da violência na favela é resultado da mediocridade da classe política dos últimos 35 ou 40 anos neste país, porque não tem explicação.

Eu fui agora no Complexo do Alemão, e falei: Serginho, quantas pessoas moravam aqui há 30 anos?. Ele falou: “Presidente, eu passava aqui, porque a minha avó mora não sei para onde aí, eu passava aqui. Aqui, Presidente, tinha 20% ou 30% das pessoas que tem hoje”. Nós fomos na Rocinha, aí me falaram: “Isso aqui era uma fazenda há 40 anos”.

Na verdade, teve um momento na política brasileira em que as pessoas não se incomodavam de cuidar das pessoas mais pobres, ou seja, as pessoas iam sendo escoraçadas, colocou um metro de asfalto, o pobre tem que sair e ir para a beira de um córrego; colocou mais um metro de asfalto, o pobre tem que sair, tem que ir para a encosta de um morro, e ele vai saindo. Em vez do bairro ir melhorando e ele ficar, o bairro vai melhorando e ele vai sendo escoraçado. Então, isso é o que nós estamos mudando com o PAC, isso é que nós estamos mudando com o Pronasci.

Eu até gostaria, Sérgio, que um dia você convidasse um grupo dessas pessoas que estão aqui para ir com você lá, para ir visitar, para acreditar, para ver com os olhos e perceber o seguinte: se não dá mais para a gente fazer da favela a coisa romântica que fazíamos na década de 40, dá para a gente fazer



das favelas um lugar de respeito e dignidade ao povo pobre deste país, que é vítima dos últimos 30 anos de política econômica.

E é engraçado, porque quando a gente vê um jovem de 24 anos sendo preso, a gente fala: “Ele é bandido”. Agora, com quem fez este país ficar estagnado durante 25 anos não acontece nada, é a vítima dele que é presa e que virou bandido.

Essa coisa é que nós temos que mudar no País. Eu estou confiante que nós estamos no caminho certo. E estou confiante que esta crise é uma oportunidade para que o Brasil dê a volta por cima. E, como eu sou muito jovem, eu quero, daqui a um ano e meio, dois anos, voltar a ter um encontro com vocês, para a gente ver como é que o Brasil ficou. E, vocês querem saber? O Brasil vai ficar infinitamente melhor. Sobretudo vocês, que ganharam agora um Fundo Setorial.

A questão da meia passagem, a questão da meia entrada no cinema e no teatro, teve dois probleminhas, primeiro que o Ministério da Educação e a UNE fizeram um projeto, quando chegou na Casa Civil, a Casa Civil entendeu que era inconstitucional, ou seja, tem que refazer o projeto, porque se for inconstitucional a gente será derrotado na Suprema Corte.

Uma senadora apresentou um projeto no Senado. Já foi aprovado na Comissão, mas também tem problema de inconstitucionalidade. Então, nós agora vamos reconstruir esse projeto. Eu estava dizendo para o Juca que é importante ele chamar o Fernando Haddad, chamar alguns companheiros da área do cinema, da área do teatro, para que a gente possa construir juntos essa proposta, e ela não pode ser inconstitucional, ela tem que ser legal.

A Emenda 29, como disse o Juca aqui, está pronta, está acordada, está acertada, e nós queremos colocá-la em votação. Na semana que vem eu terei uma reunião com o deputado Jorge Bittar para que a gente decida colocá-la em votação, ela vai tramitar e os deputados vão entrar em férias, e também são



merecidas férias. Possivelmente, somente quando voltar a funcionar no ano que vem é que a gente vai votar definitivamente.

Meu querido companheiro Juca Ferreira, Ministro da Cultura, eu quero te dizer que aquele programa que você apresentou para mim – Mais Cultura – foi ali que o Juca me convenceu de que ele deveria ser o ministro no lugar do Gil. É verdade, ali você fez que nem o presidente da Ancine. Foi didático, preciso, convincente. Não pense que nós vamos arrumar todo o dinheiro que você quer, mas esteja certo de que você foi convincente. Você sabe que em política e (inaudível) tem que ter um pouco de convencimento. Eu acho que essa apresentação do Fundo Social (Setorial) do Audiovisual é mais um passo importante.

Nós ainda não resolvemos o problema da distribuição aqui no Brasil. Eu confesso a vocês, que quando a gente perde o sono, liga a televisão naquela TV por assinatura, a cabo, a gente vê tanto mequetrefe, a gente vê tanto filme vagabundo. Se o filme tiver um bom enredo, você pode até não gostar, mas o filme você respeita. Mas tem uns que não têm absolutamente nada. Eu acho que é uma daquelas coisas feitas lá em Hollywood, que o cara jogou no lixo e alguém passou, pegou e vendeu. E nós assistimos aqui.

Eu espero que a gente possa, daqui para a frente, com a aprovação do PL 29, a gente possa mudar. E sem querer tirar ninguém do nosso mercado, a gente criar humildemente as oportunidades para os nossos serem tratados, não melhores, serem tratados apenas iguais.

Gente, muito obrigado. Que Deus nos ajude a vencer neste país.

(\$211A)